

Psicologia

Militar

— Emoções

Major

ALFRED C. LONGLEY

Em seu livro *Men Against Fire*, o Cel A. Marshall, historiador oficial do Teatro da Europa, na última guerra, afirma sabiamente que o êxito do combate não depende apenas de cartas topográficas, estratégias e serviços, mas também da ação dos que se metem na lama e procuram abrigo atrás de um tronco de árvore.

“É o soldado — diz o Cel Marshall — que vence a guerra com suas armas, pelo que deve ser considerado um ente humano, conhecido e compreendido por seus companheiros e pelos oficiais”.

No artigo *Fatores do Desenvolvimento Humano* (A DEFESA NACIONAL — maio/junho de 1972), foi salientado que jamais devemos desprezar a personalidade física e psicológica do soldado, a qual determina seu grau de adaptação à sociedade e, sobretudo, à vida militar.

Um fator poderoso na constituição geral do soldado são suas emoções. Podemos definir emoção como reação vigorosa a uma situação perturbadora. Essa definição distingue as emoções dos simples sentimentos, que representam reações ligeiras a situações ligeiramente perturbadoras. Consideradas no conjunto, as emoções e os sentimentos constituem o que os psicólogos denominam *paixões*. O termo *paixão* implica uma condição “ativa-reativa” do organismo humano, em que este se deixa afetar pela presença de certos objetos em torno de si (reação) e regula seu comportamento em face

do estímulo de acordo com as necessidades de sua vida fisiológica e mental (ação). Por experiência quotidiana com nossas próprias pessoas e com os outros, sabemos que as reações emocionais são acompanhadas por manifestações ou expressões físicas e mentais. Por esse motivo, as emoções se dizem forças *psicossomáticas*. Este vocábulo se deriva das palavras gregas *psyche* (alma) e *soma* (corpo). Sob os estímulos emocionais todo o ente humano reage: o corpo (*soma*) e o espírito ou a vontade (*psyche*).

As manifestações físicas *involuntárias*, tais como a tensão dos músculos, o aumento da pressão arterial e a dilatação das pupilas, resultam da reação das glândulas e do sistema nervoso ao estímulo emocional. Por efeito do medo ou da ira, as glândulas adrenais injetam seu hormônio na corrente do sangue e ele paralisa as funções internas, como a digestão, e concentra toda a energia nos músculos motores.

Os processos *mentais* e os movimentos físicos *voluntários* que se associam às emoções são condicionados pela convenção. O homem civilizado se controla de sorte a permitir que suas reações obedeçam a normas determinadas. A análise técnica minuciosa das reações emocionais é de interesse acadêmico para o aluno militar. Muito mais importante para ele é compreender a maneira de controlar e tirar partido das três emoções que o combatente apresenta com maior frequência — medo, ira e sexo.

Medo

A emoção do medo é, em princípio, desagradável. A reação se caracteriza geralmente por um esforço instintivo por parte do indivíduo para eliminar a situação que o atemoriza. A energia mental e física produzida pela reação emotiva se orienta no sentido de ajudar o homem a resolver a situação perigosa da maneira melhor possível: atacar ou fugir. O impulso normal é fugir; somente quando o espírito e a força de vontade funcionam perfeita e energicamente, pode o indivíduo ver a conveniência de atacar e resolve agir dessa forma. Isso é particularmente verdadeiro em se tratando do am-

biente aterrador do combate na guerra moderna. Considerando que o homem em geral tende a achar que a fuga é a melhor maneira de agir em face de uma situação perigosa, o chefe precisa auxiliar seus soldados a formar o juízo de que atacar é preferível a recuar e de que a energia gerada pelo medo pode ser utilizada para eliminar o inimigo. Ademais, o apoio do chefe muito contribui para afastar o medo descontrolado e irracional, que conduz à histeria e depressão nervosa. Para aproveitar utilmente a energia decorrente do medo, o chefe deve aplicar as seguintes regras destinadas a controlar esse sentimento do soldado:

1) *Instruir acerca do medo* — O conhecimento da natureza do medo facilita aos soldados combatê-lo. Um certo grau de medo controlado é normal no campo de batalha. As praças precisam saber por que tal sentimento empolga todos os homens normais e compreender que ele não produz covardes, mas estimula a bravura desde que a energia resultante seja orientada na direção certa. O pior efeito do medo ocorre quando os homens têm receio do próprio medo; se isso for evitado pela explicação das causas, não lhes será difícil aplicar a energia conseqüente no combate ao inimigo.

2) *Manter os homens ocupados* quando houver possibilidade de sentirem medo, de sorte que não tenham tempo para pensar nisso. Visto que o medo pode provocar ações, o heroísmo e o medo muitas vezes se associam intimamente. Quando um soldado sente medo, suas glândulas e seu sistema nervoso o preparam para agir; os sentidos se avivam e os músculos ganham vigor. Ele poderá usar essa energia para fugir ou atacar. Sua instrução, disciplina e confiança nos chefes o impelem a agir contra o inimigo; ele se lança ao ataque com o coração acelerado e a garganta seca. Em pouco, verifica que a peleja é justamente o que lhe fazia falta. Logo compreende que está fazendo exatamente aquilo para que seu corpo e espírito o prepararam. Se, ao contrário, a atividade da luta não for suficientemente intensa para absorver a energia gerada pelo medo ou se ele não puder avançar, sua inclinação será utilizar essa energia para fugir da situação que o intimida. Ao mesmo tempo, não podendo

fazer coisa alguma para diminuir seu medo, o soldado sente recalque. Dessa forma, o medo e o recalque criam um círculo vicioso, que só pode ser rompido mediante ação vigorosa.

A esse propósito, um fotógrafo que desembarcou com as tropas no dia D da invasão da Normandia disse, referindo-se a seus esforços para rastejar na praia: "Parei um momento... e me senti muito mal... Apanhei a pá e pus-me a cavar. A pá deu numa pedra e eu a atirei longe. Não pude pensar, nem tomar decisão; inconscientemente me levantei e corri para um barco". Não podendo avançar, ele teve de fazer alto; a energia produzida pelo medo o fez correr cegamente para a retaguarda.

3) *Informar a tropa sobre a situação* — Evidentemente, o conhecimento da situação diminui o medo. É da maior importância manter toda a tropa constantemente bem informada, de sorte que não tenha de imaginar como a guerra se desenrola. A imaginação estimula o medo; por outro lado, o inimigo, empregando diversos meios de propaganda, procura constantemente dar informações falsas sobre os acontecimentos da guerra, provocando, desta forma, o medo que reduzirá a eficiência de combate do adversário. Se os soldados houverem sido previamente informados sobre a verdade, a propaganda inimiga não os afetará desfavoravelmente.

4) *Criar o hábito da disciplina* — A instrução militar visa a implantação deste hábito. No caso de soldados bem instruídos, os hábitos associados à disciplina os ajudam a prosseguir na luta a despeito do medo.

5) *Manter a calma* — O medo e o domínio de si próprio são contagiosos. Um comandante de valor é aquele que se conserva calmo em todas as situações; sua impavidez fortalece os homens que conduz. Quando o homem se esforça para manter-se calmo, sobrevém o orgulho de vencer a tendência a ser tomado de pânico.

6) *Ter em mente que o bom humor combate o medo* — Quando a situação se acha tensa, uma boa gargalhada pode ser a salvação. Durante a 2.^a Guerra Mundial, certo capelão

conduzia um serviço religioso numa posição relativamente protegida da artilharia inimiga. De repente, começaram a cair granadas em torno do grupo. Todos, inclusive o pastor, foram evidentemente tomados pelo medo. Inesperadamente, um sargento do serviço de saúde resmungou entre os companheiros: "Tomara que os diabos dos boches não acertem as minhas garrafas de conhaque". A tensão geral aliviou-se imediatamente e o serviço pôde prosseguir sem mais interrupções.

7) *Manter ligação entre os combatentes* — O companheirismo ajuda a afastar o medo. Ninguém se atemoriza mais do que quando percebe que tem de enfrentar o perigo sozinho. Reconhecendo que os homens são gregários e instintivamente dependem uns dos outros, o chefe deve dispô-los de sorte que combatam, se não ligados pela vista, pelo menos bastante aproximados para a ligação pelo ouvido. Nada há mais confortador do que a presença de outro homem que não pareça estar tomado de pânico. Um forte espírito coletivo muito facilita a aplicação desta regra.

Em sua imaginação, o soldado se vê numa situação que terá por centro a sua pessoa; sentirá medo, mas conseguirá estímulo; tudo se passará como se estivesse participando de um jogo esportivo muito disputado. Enquanto isso dura, ele se empolga e recebe o apoio da força que se manifesta em torno de si.

A realidade, porém, é bem diferente. De um momento para outro, ele se encontra quase isolado em sua hora de maior perigo. Sente perfeitamente esse perigo, mas nada vê que possa enfrentar diretamente. É dessa mistura de mistificação e medo que vem o sentimento de impotência que, por sua vez, aumenta o medo.

8) *Falar* — No livro *Man Against Fire* o Cel A. Marshall diz o seguinte: "Os chefes não podem conduzir seus homens sem falar; agir só não basta. Um indivíduo calado jamais será bom condutor". O rádio e o telefone são meios preciosos no campo de batalha, mas nunca deverão ser empregados em prejuízo do contato direto pela voz humana. A voz confortadora do chefe é de importância capital para dominar o medo.

9) *Expor aos soldados a estatística das perdas* — Uma apresentação franca da estatística das perdas diminui o temor. Antes do dia D da invasão, o Gen Bradley disse a seus soldados que eles iam assistir da primeira fila ao maior espetáculo da História Universal; o preço da entrada seria certo número de mortos e feridos. Em todo o combate travado no terreno de sebes da Normandia, as tropas empenhadas sofreram as seguintes perdas médias diárias: 0,7 por cento de mortos, 3,6 por mil de feridos e 0,7 por mil de desaparecidos ou aprisionados. Dos feridos, apenas 4 por cento morreram nos hospitais.

10) *Desenvolver a lealdade e o sentimento da responsabilidade* — Estas virtudes permitem ao homem realizar missões perigosas, apesar de seu medo.

11) *Manter os homens em boas condições físicas* — Os soldados de pouca vitalidade são presas fáceis do medo; falta-lhes energia para resistir ao pânico.

12) *Utilizar os serviços do capelão* — A fé domina o medo; quem já esteve em combate confirmará o fato de que a religião é um dos maiores baluartes contra o temor e o pânico.

Todo aquele que crê sinceramente em Deus e confia na sabedoria de Sua vontade está pronto a conformar-se com a sorte. Se sua fé for suficientemente forte, os soldados se convencem de que se morrerem ou saírem gravemente feridos, essa é a vontade de Deus; nada há que possam fazer senão aguardar o destino.

Ira

Em sua expressão física, ira é o mesmo que medo; a diferença entre as duas emoções reside na questão mental, o julgamento prático feito pela pessoa. Um soldado amedrontado geralmente *tende* a fugir, enquanto que o encolezado *quer* ficar e lutar. Sendo idênticos os aspectos físicos das duas emoções, o ideal seria que o chefe pudesse exercer

uma espécie de controle mental sobre seus homens, de sorte a transformar a reação de medo em cólera, modificando toda a emoção. Isso, porém, é geralmente impossível. Por vezes, os soldados se enraivecem contra o inimigo, especialmente quando vêem seus amigos mortos ou feridos; esse sentimento estimula seus possuidores a lutar com bravura, mas geralmente não dura muito e logo cede lugar ao medo. O chefe jamais poderá esperar que todos os seus homens sintam ira ao mesmo tempo; deve ter sempre a consciência de que a maioria dos soldados luta com valor porque ele os está ajudando a fortalecer sua vontade e resolver aproveitar a energia provocada pelo medo para atacar o inimigo, em lugar de fugir.

De vez em quando, os homens manifestam ira violenta, que é perniciosa em virtude de perturbar o juízo e levar o indivíduo a agir impetuosamente, sem prudência. Ao mesmo tempo, a raiva é perigosa porque pode ser facilmente voltada contra os próprios chefes, em vez do inimigo. A raiva é um sintoma de má adaptação ou esgotamento produzido pelo combate; suas vítimas devem ser evacuadas.

Sexo

Tratando-se de jovens que gozam de boa saúde, o impulso que resulta da emoção sexual é muito forte nos soldados. Entretanto, as circunstâncias da vida militar, sem falar na tradição moral, tornam imperioso controlar essa paixão. O homem pode morrer por falta de alimento, água ou ar, mas pessoa alguma jamais morreu porque não pôde satisfazer a seus instintos sexuais. A restrição do sexo acarreta, porém, problemas emocionais, sobretudo para os soldados, os quais, quando se manifestam, absorvem sua energia e reduzem-lhe a eficiência.

Estudando estímulos e recalques (Defesa Nacional de julho/agosto de 1972), dissemos que, muitas vezes, não podendo satisfazer a determinado impulso, o homem recorre à substituição; orienta seu desejo reprimido para uma atividade admissível. Com respeito ao problema sexual, verifi-

ca-se que os homens recorrem ao devaneio e à fantasia, procurando a "arte" e a "literatura" pornográficas e comentando o assunto com seus companheiros de uma maneira vulgar. Com freqüência, essa prática é acompanhada por uma satisfação anormal do instinto sexual ou, então, conduz, a isso.

Um desses atos condenáveis é a masturbação. Sem dúvida, já caiu por terra a crença de que ela prejudica o homem fisicamente e pode transformá-lo num idiota, mas inegavelmente semelhante ação é extremamente nociva, pois que tende a solapar a confiança do soldado em si próprio. Sendo repugnada pela consciência humana, ela lhe causa ansiedade e um sentimento de culpa. O indivíduo se sente inferior, porque verifica que lhe falta o domínio sobre si próprio. A vítima desta prática costuma ser afetada psicologicamente, pois que tal abuso pode passar a atraí-lo mais do que o ato normal, e a falta de controle com facilidade se estende a outros aspectos de seu comportamento.

A *prostituição*, que é o recurso freqüente dos que sofrem de recalçamento sexual, tem o grande inconveniente de degradar as relações sexuais, além do que constitui um grande risco de adquirir doenças venéreas. Acima de tudo, esta forma de substituição produz conflitos com a consciência do soldado normal, os quais são tão nocivos ao seu equilíbrio emocional que podem anular o efeito do pequeno alívio temporário que conseguiu mediante o contato com a prostituta.

Em virtude de provocar muitas complicações sociais escabrosas, a *homossexualidade* é a substituição mais condenável para o instinto recalçado. Um homossexual declarado que não se esforce para controlar sua perversão compromete seriamente o moral da unidade, por motivos óbvios; é como a fruta podre que ameaça destruir a integridade das que estão boas. Alguns homens se entregam à homossexualidade sem vir jamais a preferir este tipo de relação; se não se prevenirem, até mesmo os soldados normais podem tornar-se temporariamente homossexuais por força das circunstâncias restritivas da vida militar.

Ainda quando estudamos a questão dos estímulos, salientamos que o recurso da sublimação constitui a maneira mais aconselhável para compensar um impulso recalcado. O soldado pode sublimar de diversos modos o seu desejo sexual. O instinto reprimido é orientado em nova direção mediante o contato por carta com mulheres que ficaram na pátria ou por meio de contato social legítimo com mulheres do próprio local onde ele se encontra, o que vem a ser uma sublimação parcial. Além disso, a religião auxilia muito, em parte porque reforça hábitos de fidelidade e em parte porque, afetando a vida emocional do soldado, constitui por si própria uma sublimação. Os prazeres da comida, da bebida e do fumo também concorrem para diminuir a solidão que é outra manifestação do recalçamento. O trabalho pesado e o exercício ajudam o físico; a alegria sadia ajuda o espírito.

Embora pareça estranho, o comandante tem o dever de resolver os problemas sexuais de seus homens. A razão disso é que, quando seu instinto sexual se acha recalcado, o soldado perde eficiência. Evidentemente, pois, a solução não consiste simplesmente em suprimir a emoção sexual, o que seria muito a desejar, mas pode trazer consigo as conseqüências do recalçamento.

Conquanto muitos homens pertençam ao tipo que pode sublimar-se satisfatoriamente e adaptar sua emoção às condições da vida militar, outros tantos têm de ser auxiliados na resolução de seu problema; exigem a assistência que o chefe pode prestar-lhes mediante o bom exemplo, incitando seus homens a manter correspondência com as famílias, esposas e namoradas, instruindo sobre o código moral da religião e esforçando-se para que o tempo de folga de seus homens seja preenchido com diversões e interesses salutares. Reduzindo o sexo às devidas proporções, combatendo a obscenidade por preceito e exemplo e interessando os homens em atividades construtivas nas horas de folga, a questão sexual perde muito de sua importância.

De um modo geral, o que podemos dizer sobre o sexo é que constituirá um problema enquanto existir a humanidade. Consta que Winston Churchill já exprimiu idêntica opinião. Para soldados que vivem em circunstâncias anormais, a difi-

culdade do recalçamento sexual adquire vulto. Uma intervenção sensata por parte do chefe é a única solução: muito trabalho e recreação interessante nas horas de folga, com um mínimo de preleções sobre moralidade. Essas preleções tendem mais a estimular os desejos sexuais do que a suprimi-las; muito mais eficiente é a prática adotada pelo Exército de incluir a instrução sobre moralidade e civismo no programa regular. Os ensinamentos ministrados aos soldados abrangem todo o domínio da conduta humana; visam incentivar as praças a comportar-se de maneira a refletir seu desejo de conformar sua conduta com os ideais aceitos pela sociedade.

Conclusões

As emoções fundamentais do medo, da ira e do sexo podem aumentar ou diminuir a capacidade combativa do soldado. As forças emotivas são úteis ou nocivas, dependendo da disciplina e do sentimento de responsabilidade que o soldado adquiriu na instrução e levou consigo para o campo de batalha. O controle e a orientação das emoções do soldado variam de acordo com a habilidade do chefe.

Em campanha, os oficiais devem ter em vista que seus homens se acham sujeitos a poderosas forças emotivas, que podem ser controladas com habilidade. A direção do chefe pode orientá-las para a derrota ou a vitória. Compete ao comandante garantir a direção conveniente e evitar o desvio desastroso. Os chefes devem manter constantemente uma atitude de otimismo e calma. Em hipótese alguma poderão deixar-se tomar de desespero ou falta de fé na vitória final.

“O passar do tempo não tornará melhor um Exército que não seleciona seus recrutas”.